

## Dossiê: O Brasil, a América Latina e a Segunda Guerra Mundial

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2025.v31.49414>

### **“Não há tristeza que resista”: as escolas de samba, o Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial (1942- 1946)**

**“No sadness can resist”:  
the samba schools, the Estado Novo, and the Second World War (1942-1946)”**

**“Ninguna tristeza puede resistir”: Las escuelas de samba, el Estado Novo y la Segunda  
Guerra Mundial (1942-1946)**

*Ana Beatriz Ramos de Souza\**

<https://orcid.org/0000-0001-8248-0391>

*Carlos Roberto Carvalho Daróz\*\**

<https://orcid.org/0000-0002-8842-3571>

**RESUMO:** Reconhecido no mundo inteiro, o carnaval é sem dúvidas uma das maiores manifestações culturais do Brasil. As Escolas de Samba e seus desfiles apoteóticos consolidam essa imagem e refletem luxo e organização. Mas nem sempre foi assim. No princípio de sua formação,

---

\* Estágio pós-doutoral no Departamento de História da América pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutora e Mestre em História Política (Bolsista CAPES) e Licenciada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisa o Brasil no século XIX e início da República, especialmente as temáticas relacionadas com a História Política e História Militar e suas vertentes, fronteira, identidade, memória, cidadania e a formação nacional. Tem interesse em Patrimônio, Educação Patrimonial e Arqueologia Histórica. Integrante da Rede Internacional HERMES - Pesquisadores internacionais de fronteiras, integração e conflitos. É autora de vários capítulos de livros e artigos publicados no Brasil e no exterior. Destacam-se em suas publicações a organização do livro *História das Américas: apontamentos iniciais de ensino e pesquisas* e o artigo “A 'Questão Nabileque: Estratégia, Geopolítica e legitimação das Fronteiras (1905 - 1940)”. E-mail: abyasouza1982@gmail.com

\*\* Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense e pela *Université Libre de Bruxelles*, bolsista da União Europeia (*Programme Erasmus+*), com ênfase no estudo da Primeira Guerra Mundial. Possui mestrado em História pela Universidade Salgado de Oliveira, na linha de pesquisa Ideologia e Política, e em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. É especialista em História Militar pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e licenciado em História pela Universidade Salgado de Oliveira. Integrante da Rede Hermes: Pesquisadores internacionais de fronteiras, integração e conflitos, filiado ao Núcleo de Pesquisa Conflitos, material de emprego militar e história militar. Pesquisador Associado do Grupo de Investigação de História Militar da Universidade de Lisboa e Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisa de História Militar do Exército Brasileiro. Com diversos artigos publicados no Brasil e no exterior, é autor de “Bruxas da Noite: as aviadoras soviéticas na Segunda Guerra Mundial”; “A guerra do açúcar: as invasões holandesas no Brasil”; “Primeira Guerra Mundial” pela Editora Contexto, dentre outros. E-mail: cdaroz@yahoo.com.br.

as Escolas de Samba eram vistas como reduto de estratos que não eram bem-vistos na sociedade. A partir da década de 1930, elas conseguiram obter relativo respeito, mas isso se deveu, em grande parte a sua associação com o governo Vargas. Como parte da ação política do Estado Novo, através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), ocorreu a incorporação do que era considerado cultura popular, a partir de um projeto de controle e de propaganda. Com a emergência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a entrada do Brasil no conflito (1942), o governo utilizou das Escolas de Samba como meio de propaganda para justificar a participação, bem como para arregimentar soldados. Este artigo pretende examinar a relação entre as Escolas de Samba e o governo Vargas, notadamente no período da Segunda Guerra Mundial, procurando ressaltar a interferência política do governo na manifestação cultural.

Palavras-chave: Escolas de Samba. Estado Novo. Força Expedicionária Brasileira. Segunda Guerra Mundial.

**ABSTRACT:** Recognized worldwide, Carnival is undoubtedly one of Brazil's greatest cultural manifestations. The Samba Schools and their spectacular parades cement this image and reflect luxury and organization. But it wasn't always this way. Early in their development, the Samba Schools were seen as a haven for socially disregarded strata. From the 1930s onward, they managed to gain relative respect, but this was largely due to their association with the Vargas government. As part of the political action of the Estado Novo, through the Department of Press and Propaganda (DIP), what was considered popular culture was incorporated, based on a project of control and propaganda. With the outbreak of World War II (1939-1945) and Brazil's entry into the conflict (1942), the government used the Samba Schools as a propaganda tool to justify participation and to recruit soldiers. This article aims to examine the relationship between Samba Schools and the Vargas government, particularly during the Second World War, seeking to highlight the government's political interference in cultural expression.

Keywords: Samba Schools. New State. Brazilian Expeditionary Force. Second World War.

**RESUMEN:** Reconocido mundialmente, el Carnaval es sin duda una de las mayores manifestaciones culturales de Brasil. Las Escuelas de Samba y sus espectaculares desfiles consolidan esta imagen y reflejan lujo y organización. Pero no siempre fue así. En sus inicios, las Escuelas de Samba fueron vistas como un refugio para los estratos sociales marginados. A partir de la década de 1930, lograron ganarse un respeto relativo, en gran medida gracias a su asociación con el gobierno de Vargas. Como parte de la acción política del Estado Novo, a través del Departamento de Prensa y Propaganda (DIP), se incorporó lo que se consideraba cultura popular, con base en un proyecto de control y propaganda. Con el estallido de la Segunda Guerra Mundial (1939-1945) y la entrada de Brasil en el conflicto (1942), el gobierno utilizó las Escuelas de Samba como herramienta de propaganda para justificar la participación y reclutar soldados. Este artículo busca examinar la relación entre las Escuelas de Samba y el gobierno de Vargas, particularmente durante la Segunda Guerra Mundial, buscando destacar la interferencia política del gobierno en la expresión cultural.

Palabras clave: Escuelas de Samba. Estado Nuevo. Fuerza Expedicionaria Brasileña. Segunda Guerra Mundial.

### Como citar este artigo:

Souza, Ana Beatriz Ramos de, e Carlos Roberto Carvalho Daróz. ““Não há tristeza que resista”: as escolas de samba, o Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial (1942-1946)”. *Locus: Revista de História*, 31, n. 2 (2025): 100-129.

\*\*\*

“**Não há tristeza que resista...** aí estão os participantes do vitorioso programa do Carnaval da Vitória, inteiramente contagiados pela alegria esufiante que se infiltra na alma de todos os seus fans. Sambas, marchas, frevos e outras músicas de carnaval, na voz dos cantores mais estimados do povo: - Dorival Caymmi, Ademilde, Déo, Dircinha Batista, Aracy de Almeida e outros. Às 3as, 5as e sábados, das 20:30 horas em diante na Tupi em ondas médias e Tamoio em ondas curtas (sic)” (A Noite 17 jan. 1946, 6).

A nota de jornal transcrita acima ressalta o primeiro evento dito carnavalesco do ano de 1946. Publicada na página 4 do jornal carioca *A Noite*, buscava anunciar um programa de rádio especial, pois, além de contar com os principais artistas daquele período, retratados em foto logo acima do anúncio, destaca um evento importante para o início daquele ano: o Carnaval da Vitória. Programado para ocorrer no ano de 1946, o Carnaval da Vitória foi idealizado pela Liga de Defesa Nacional, a União Nacional dos Estudantes (UNE) e por Walter Pinto<sup>1</sup>, e tinha como principal objetivo realizar uma efetiva comemoração pelo final da Segunda Guerra Mundial, bem como a vitória dos aliados sobre as ditaduras fascistas. “Mas agora essas sombras desapareceram. Não há mais guerra e o despotismo é apenas uma lembrança amarga” (O Cruzeiro 2 mar. 1946, 6). Celebrariam, a partir da maior festa popular do Brasil, o final da guerra, mas também o final da “ditadura opressiva, a criar toda sorte de embaraços à liberdade do cidadão”. Neste sentido, o carnaval de 1946 se vestiu de questões políticas e simbólicas ainda pouco estudadas pela historiografia. Este artigo busca analisar os carnavais de 1943 até 1946 no que concerne principalmente aos desfiles das escolas de samba, no intuito de compreender sua utilização como veículo de propaganda do governo na guerra, principalmente com relação aos feitos da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

### As Escolas de samba, o Estado Novo e a Guerra

Ao analisar as formas de ação do Estado Novo, Ângela de Castro Gomes afirmou que “o DIP [Departamento de Imprensa e Propaganda], portanto, materializa o grande esforço

---

<sup>1</sup> Walter Pinto foi um produtor e autor de teatro brasileiro, responsável direto pela renovação no país do teatro de revista. Walter formou-se em Contabilidade e Ciências Econômicas, mas acabou dedicando-se à Companhia de Teatro Pinto, fundada por seu pai, dirigindo-a depois da morte de seu irmão Álvaro, ainda na década de 1940. Dá início à Companhia Walter Pinto, que veio a se tornar a maior delas no teatro musicado, encenando Revistas e revelando uma geração de atores, músicos e compositores, dentre os quais se podem listar: Dercy Gonçalves, Carmem Miranda, Assis Valente etc. (Walter Pinto. “Fundos WP - Fundo Walter Pinto”)

empreendido, durante o Estado Novo, para controlar os instrumentos necessários à construção e implementação de um projeto político-ideológico que se afirmasse como socialmente dominante” (Gomes 1992, 110).

O conflito teve início em 1º de setembro de 1939 quando a Alemanha nazista, sob a liderança de Adolf Hitler, invadiu a Polônia, provocando a declaração de guerra por parte do Reino Unido e da França. Esse evento marcou o início de uma guerra caracterizada pela polarização entre as potências do Eixo, compostas pela Alemanha, Itália e Japão, e os Aliados, liderados por países como Reino Unido, União Soviética e, posteriormente, os Estados Unidos. O Brasil, sob o governo de Getúlio Vargas, inicialmente adotou uma postura de neutralidade, buscando manter relações diplomáticas e comerciais com ambas as partes em conflito, o que refletia a tradição diplomática brasileira e a prioridade dada à estabilidade interna (Fausto 2002).

Durante os primeiros anos do conflito, o governo Vargas implementou políticas que visavam preservar a neutralidade brasileira, apesar das pressões econômicas e políticas tanto dos Aliados quanto das potências do Eixo. Esse posicionamento foi sustentado por uma estratégia que buscava proteger os interesses nacionais, incluindo a exportação de produtos estratégicos, como o minério de ferro e a borracha, essenciais para a indústria bélica (Skidmore 1999). No Brasil, os jornais noticiam em suas primeiras páginas tudo o que ocorria na Europa. Com a virada para 1940, os jornais dividiam as notícias com os preparativos para o carnaval, que ocorreria em 5 de fevereiro. O primeiro carnaval no contexto da guerra ocorreu sem nenhuma alteração. Eram ressaltadas a alegria, o luxo e a organização, mas destacavam também o saudosismo dos “antigos carnavais”.

Em 3 de fevereiro, *O Cruzeiro*, revista ilustrada semanal com grande penetração na sociedade, trazia em suas páginas matérias sobre o carnaval. Uma dessas recebeu o título de “A guerra e o carnaval”. Ilustrada, a matéria expôs fotos de diversos tipos urbanos com legendas explicativas da opinião daquele grupo sobre a festa. Ainda com a guerra distante, percebe-se que não há muita preocupação com a possível influência do conflito: “O pai de família acha que o carnaval é uma calamidade. Maior calamidade até que a própria guerra...”, ou ainda, “O comerciante teme que a guerra estrague tudo”. O texto do jornalista fala que “... acontecimentos do velho mundo, porém precisa esquecer, e o carnaval ajuda mesmo a esquecer. Por isso lhe digo que o carnaval deste ano vai ser dos melhores, dos mais animados dos últimos tempos” (*O Cruzeiro* 3 fev. de 1940). Na continuação da matéria, o jornalista entrevista integrantes do carnaval e sambistas e suas opiniões são diversas com relação à guerra, mas todos são unânimes em dizer que ela não afetaria o carnaval. O repórter termina a matéria com uma frase muito representativa para aquele contexto:

Mas os bolsos do repórter estão cheios de papel com as opiniões arrecadadas. Ele resolve tomar o primeiro bonde: um rapaz lia, no banco da frente, as últimas manchetes sobre a guerra, enquanto atrás, junto ao condutor, um estudante assobiava um dos sambas mais gostosos cantados por Aracy de Almeida (O Cruzeiro 3 fev. de 1940, 2).

Com relação às Escolas de Samba, elas passaram a refletir o início de modernização da sociedade urbano-industrial. Conforme aponta Ortiz (1999, 38), o país se moderniza em diversos setores, devido a fenômenos que determinaram novos parâmetros culturais. As escolas de samba absorveriam esse clima, com a mudança para um novo espaço de desfile e buscando subvenções oficiais. Da mesma forma, a polícia passa a atuar sobre as escolas e, ainda em janeiro de 1940, os jornais noticiam o fechamento da “Última Hora”, “Rainha dos Pretos”, “União de Madureira” e “Prazer da Serrinha” (Diário Carioca 5 jan. de 1940). Esse início de institucionalização do carnaval também pode ser percebido pelas ações do prefeito Henrique Dodsworth, que, a partir do Departamento de Turismo da cidade, contratou cenógrafos para executarem as decorações carnavalescas, com imagens de “carnavais antigos”, para o maior esplendor do carnaval carioca (Diário Carioca 5 jan. de 1940). Dois detalhes chamaram a atenção nesse fato: a padronização do evento nos moldes do que o governo entendia como cabível e necessário para fomentar o discurso do DIP, e a intencionalidade do carnaval como marco de atração turística. Apesar de interessante, não nos deteremos nessas premissas.

Os desfiles das escolas de samba ocorreriam no “domingo gordo”, na Praça XI de Junho, e estariam submetidas ao julgamento promovido pela prefeitura. Na segunda-feira o desfile ocorreria no Campo de São Cristóvão com as escolas restantes. Dentre os avisos e informes sobre como ocorreria a festa, chamou a atenção o destaque dado à matéria que anunciava o emprego de 3 mil homens no “policimento especial” para o carnaval, grupo este composto soldados do exército, policiais militares e investigadores da polícia civil, incumbidos da “manutenção da ordem” (Diário Carioca 3 fev. de 1940). Por mais que o Brasil ainda assistisse de longe o desenrolar dos conflitos, o clima “de guerra” estava presente, notadamente devido às características autoritárias do Estado Novo. A comissão julgadora da prefeitura contava com nomes como o escultor Modestino Kanto, principal artista dos monumentos durante o Estado Novo, que, após analisarem samba, harmonia, conjunto, bandeira e enredo, entenderam que a vencedora deveria ser a Estação Primeira que levou ao desfile o enredo “Prantos, pretos e poetas”, com samba composto pelo lendário Carlos Cachça (Diário Carioca 10 fev. de 1940). A guerra não foi pauta do carnaval de 1940.

Nos anos de 1941 e 1942, o padrão foi praticamente o mesmo. O financiamento da prefeitura garantiria um relativo controle sobre as escolas de samba, comprovado pelo pedido público de prestação de contas da verba que havia sido designada (Correio da Manhã 12 fev. 1941). Como exemplo, podemos citar que a proposta da prefeitura, o que garantiria esse financiamento, seria de

as escolas escolherem como enredo homenagem “ao decênio do Governo do Presidente Getúlio Vargas” (Diário Carioca 26 jan. 1941). Não à toa, a Portela ganha a disputa naquele carnaval, iniciando sua sequência de campeonatos, com enredo “assinado” por Paulo da Portela intitulado “Dez anos de glórias”.

Um detalhe ainda pertinente sobre a Portela e sua relação com a política. Com a proposta de lançamento do filme “Fantasia”, Walt Disney inicia, pelo Brasil, uma série de visitas aos países sul-americanos. Chegando em 17 de agosto, sua visita foi cercada da cobertura jornalística. Logo foi recebido pelo presidente Getúlio Vargas no Palácio do Catete, bem como pelo Diretor Geral do DIP, Lourival Fontes. No dia 19, em almoço na Associação Brasileira de Imprensa, Walt Disney fala para o repórter do Correio da Manhã sobre seus “objetivos”: “missão de colher para o mundo mágico dos desenhos, coisas do Brasil, da Argentina, do Chile, do Equador, da Colômbia e do Peru” (Correio da Manhã 19 ago. 1941). Em 21 de agosto, um programa de “músicas brasileiras”, patrocinado pelo DIP, foi “encenado” para Disney. Em seu repertório, principalmente, músicas de exaltação ao Brasil de autoria dos mais famosos artistas da época, como Ary Barroso, Lamartine Babo, João de Barro, entre outros (Correio da Manhã 21 ago. 1941, 1). Mas, pela matéria, a que chamou mais atenção de Walt Disney foi “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso, composição de chamou de “admirável” (Correio da Manhã 21 ago. 1941, 1). Depois de um verdadeiro *tour* pelo Distrito Federal, onde assistiu à exibição de Fantasia no Cine Pathè, se encontrou com Vila Lobos, Grande Otelo e Linda Batista, além de intelectuais como Pedro Calmon, Amoroso Lima e Afrânio Peixoto, ele encerra sua viagem, acompanhado de membros da Embaixada dos EUA no Brasil, visitando a Portela (Correio da Manhã, 21 ago. 1941, 1). O Correio da Manhã, a partir de matéria divulgada pelo DIP, foi o jornal que mais descreveu a visita. Em 26 de agosto, publicou:

Walt Disney e Paulo da Portela. Pode parecer estranho o paralelo e o fato de iniciar-se esta reportagem alinhando esses dois nomes ao mesmo plano. Seria um escândalo em qualquer outra ocasião. Neste instante não. Walt Disney e Paulo da Portela fazem os dois grandes momentos da batucada improvisada de domingo a noite afim de que o extraordinário inventor de maravilhas tivesse contato direto com a gente do morro. A caravana de automóveis partiu do Copacabana Palace e foi parar na Estrada da Portela, subúrbio de Madureira. Eram dezessete horas. Walt Disney ia na frente [...] os estranhos.... ao lado do Sr. Assis de Figueiredo, diretor da Divisão de Turismo do DIP, nos outros carros todos seus auxiliares, musicistas, artistas, instrutores, fotógrafos, convidados especiais, inclusive a secretária Grace Moore que também é jornalista (Correio da Manhã 26 ago. 1941, 1).

E segue descrevendo a recepção:

O terreiro estava iluminado. Não se sabia ao certo o lugar então onde ficava a Escola de Samba da Portela. Para... gente que ali ia, porém ... saber o rumo: Estrada da Portela. [...]. Um gradil de madeira a frente. Casa tosca e, lá dentro o barulho da batucada: cuíca, pandeiro, também ganzás “[...] UM DISCURSO [...] Walt Disney ia visitá-los Walt Disney, o gênio dos desenhos animados. Bastava dizer aos habitantes do morro: vem aí o homem dos desenhos animados. [...] Começaram cedo uma peixada, e muita música, muito canto, muita batucada, muita cadência, muita harmonia. Quando Walt Disney entrou no terreiro, **Paulo da Portela, a figura suprema da Escola**, o recebeu com



um discurso de improviso, é claro. Disse tudo o que tinha a dizer, num aluvio de palavras com acentos de rara imponência, como só poderia fazer um criador de sambas. Depois veio o principal. Alinharam-se os comparsas no terreiro. Centenas de figurantes, que ali acorreram a um grito de Paulo da Portela, começaram a movimentar-se sacudindo as cadeiras, ao compasso de todos aqueles instrumentos de percussão que damos notícia linha acima. O coro cantava uma belíssima melodia de **Cartola, que ali cantava como visitante**, como vira de casaco de pijama oferecido pelo dono da casa. [...] Enquanto isso dezenas de pastoras passavam em frente a Walt Disney, cantando sambando seguindo o corpo, [...] Walt Disney observa de braços cruzados atento o olhar gravado em todos os movimentos dos bailarinos e, uma vez que outra, ria, enquanto comentava o assunto com pessoas que estivessem mais próximas de si. PAULO DA PORTELA, UM ESPETACULO De camisa branca com mangas curtas movimentando-se em todas as direções, agitando os braços dando ordens disciplinando o seu conjunto, gritando quase alucinadamente, Paulo da Portela era um espetáculo. [...] Dava ordens em música. [...] Aos poucos, Paulo da Portela foi se acalmando. Agora sorria. [...] E cruzou os braços dando gargalhada, mas seguiu rápido para outros setores do terreiro, gingando sempre. Walt Disney não perdia nada, assistia, maravilhado, aquele espetáculo do morro em sua homenagem. Mostraram-lhe o relógio. Eram vinte e uma horas. Já estava ali há quase cento e vinte minutos. O criador do Pato Donald e Pluto Não queria sair. Esperou ainda mais um pouco. Depois foi saindo com o olhar voltado para o terreiro. Mas a batucada continuou (Correio da Manhã 26 ago. 1941, 1-2, grifos nossos).

A citação é longa, mas serve perfeitamente para ilustrar o discurso. Paulo da Portela era figura importante da região de Madureira, naquele momento estava afastado da Portela, mas retornou para este encontro, se afastando em definitivo após a visita de Walt Disney. Percebe-se que ele pode ter sido o elo necessário de construção política do evento, principalmente pelo destaque dado pelo jornal, órgão de apoio ao governo, à sua pessoa. Em 1942, Walt Disney lança o filme “Alô amigos”, que nada mais é que um resumo de sua viagem à América do Sul. No capítulo dedicado especialmente ao Brasil, passa pela Bahia e Rio de Janeiro. No Rio, ao som de “Aquarela do Brasil”, ele encontra o “José Carioca – Zé Carioca”, personagem famoso que representava o malandro “boa praça” carioca. Zé Carioca leva o Pato Donald a conhecer o samba, ensinando o carisma brasileiro e o requebrado da música. Acredita-se que o personagem foi inspirado em Paulo da Portela e naquela visita a Madureira. O que temos certeza, na verdade, é que até o final do governo Vargas a Portela levou todos os carnavais. Coincidência ou não, infelizmente não teremos com explorar neste texto.

Ressaltamos ainda em 1941, a iniciativa do DIP em se fazer mais presente na organização e na propaganda do carnaval. Para tanto, dentro da “Hora do Brasil”, foram promovidos cinco programas especiais que, segundo o jornal Correio da Manhã, pretendiam “além da história do carnaval carioca, desde suas primeiras manifestações nas ruas e nos theatros [...] os ouvintes terão ensejo de apreciar o que eram os curiosos cordões de velhos, o entrudo, os trotes da rua do Ouvidor e outras particularidades” (Correio da Manhã 13 fev. 1941, 4). Essa ideia de festa construída pelo DIP, a partir da rememoração de antigos carnavais, estava intrinsecamente ligada na propaganda de transformação turística do Rio de Janeiro, sendo o “carro-chefe” que seria levado aos outros países. Mas o destaque para essa análise recai na alcunha dada aos navios neste contexto. Chamado de “Frota da Boa Vizinhaça”, recebeu turistas americanos e argentinos, e se remetia a política

norte-americana desenvolvida pelo presidente Franklin Delano Roosevelt para a América Latina (Prado 1995).

O cenário global começou a mudar significativamente após o ataque japonês a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, que levou os Estados Unidos a entrarem ativamente na guerra, intensificando a pressão sobre o Brasil para abandonar sua neutralidade. Em janeiro de 1942, a intensificação dos ataques aos navios mercantes brasileiros por submarinos alemães e italianos no Atlântico Sul, contribuiu decisivamente para a mudança de postura do Brasil. As medidas com relação do carnaval de 1942 sofreram algumas alterações. Além de arrefecer os ânimos dos editores dos jornais, a condução dos festejos foi dificultada. Algumas concessões para bailes em clubes, como o já tradicional Baile de Gala do Teatro Municipal, foram retiradas. O *Diário Carioca* de 31 de janeiro de 1942 publicou que “só serão tomados em consideração os pedidos de auxílio para o Carnaval externo

[...] que apresentarem seus requerimentos com todos os documentos legalizados: portaria de licença da Diretoria Geral de Comunicações e Estatística da Polícia Civil, Guia - do Departamento de Imprensa e Propaganda e comprovação da despesa e do auxílio recebido no ano anterior (*Diário Carioca* 31 jan. 1942, 5).

A grande novidade deste ano foi a premiação das escolas melhores colocadas por parte da prefeitura do Distrito Federal. Mas a política esteve presente neste desfile.

O primeiro ponto a ser destacado nesse carnaval de 1942 foi a presença do cineasta norte-americano Orson Welles. Com apenas 26 anos, e já com duas obras-primas aclamadas (*Cidadão Kane* e *Soberba*), Welles desembarcava no Rio de Janeiro em 1942 para filmar o Carnaval, ainda dentro dos pressupostos da política da boa vizinhança. Trouxe consigo um equipamento inédito fora de Hollywood na época, o pesado sistema de filmagem *Technicolor*, com o objetivo de capturar toda a energia desse evento marcante. Segundo Catherine L. Benamou,

A produção do filme de Welles foi impulsionada pela Política da Boa Vizinhança durante a Segunda Guerra Mundial, e mais especificamente pelo esforço de abrir o mercado latino-americano para produtos de Hollywood, aumentar a presença ‘latina’ nesses produtos e impedir a expansão da propaganda do Eixo no continente americano. [...] Welles sonhava com a possibilidade de alimentar um diálogo não apenas entre países em tempo de guerra, mas entre povos, retratando a expressão musical (“Carnaval”) e artesanal (“Jangadeiros”), complementada por uma trilha sonora composta por Heitor Villa-Lobos e os maiores sambistas da época (Benamou 2024).

Um segundo ponto nos chamou a atenção durante a análise do carnaval de 1942. Com os ataques japoneses em Pearl Harbor, Chile e Estados Unidos pediram a convocação da III Reunião de Consulta dos Chanceleres Americanos e seus representantes, a ser realizada em janeiro daquele ano, na cidade do Rio de Janeiro. Nessa altura, o governo dos Estados Unidos não estava mais disposto a perder tempo negociando com a Argentina ou com o Chile, partindo já para o investimento na Política da Boa Vizinhança. A Conferência do Rio de Janeiro seria o momento de



colher os frutos dessa Política. A escolha da cidade do Rio de Janeiro como palco da mais importante Conferência Americana durante a Segunda Guerra foi proposital. Havia uma relação de amizade entre os dois países e, segundo os jornais da época, a recepção à delegação norte-americana não poderia ter sido mais amistosa. Segundo o *Jornal do Brasil* de 13 de janeiro de 1942,

O Rio viveu ontem à tarde as suas primeiras horas de vibração por motivo da conferência continental [...]. E a medida que as horas passavam aumentava o número de pessoas, atingindo alguns milhares. [...]. E a medida que as horas passavam aumentava o número de pessoas, atingindo alguns milhares (*Jornal do Brasil* 13 jan. 1942, 3).

A III Conferência se estendeu até o mês de fevereiro, abarcando exatamente o carnaval. No desfile das escolas de samba, o evento é ressaltado com a primeira parte sendo composta de uma ala com os escudos dos 21 países que participaram da reunião. Um carro alegórico foi construído sobre os chanceleres em figura destacada, salientando-se a efígie de Oswaldo Aranha, e na parte posterior, enormes espigas emergem de grandes cestos, sob os raios do sol do Brasil (*Diário Carioca* 15 fev. de 1942). O carnaval de 1942 foi vencido novamente pela Portela, que levou um enredo que falava basicamente da história do samba (“A vida do Samba”). O Serviço de Difusão da Prefeitura do Distrito Federal instalou refletores e máquinas de filmagem e o carnaval de 1942 pode ser todo documentado, sendo exibido posteriormente nos cinemas da cidade.<sup>2</sup> No jornal *Diário Carioca*, ainda foi relatado que jornalistas norte-americanos filmaram o carnaval para poder divulgá-lo nas redes internacionais, na Metro Goldwin, Universal Pictures e Paramount. O exercício da “boa vizinhança” estava a pleno vapor em 1942. Em agosto do mesmo ano, o Brasil acabou declarando oficialmente guerra às potências do Eixo.

### O carnaval de 1943: “o carnaval da vitória”

Desde os primeiros dias do ano já era perceptível que o carnaval de 1943 seria diferente. A declaração de guerra assinada pelo presidente Vargas contra o Eixo colocava o país efetivamente no clima da guerra. E isso se refletiu, de alguma forma, no carnaval daquele ano. A subvenção pública para a festa foi revogada devido aos “esforços de guerra”. Discutia-se se seria plausível ter ou não a festa. A escritora Raquel de Queiroz também discute essa questão:

Deve ou não deve haver carnaval? É feio ou é bonito esquecer a guerra, pôr de lado a lembrança de bombardeios e submarinos, vestir uma camisa listada e cair na farra à solta? É este o problema máximo do momento. Há gente pró e gente contra. Felizmente muitos mais do pró do que do contra. [...]. Mas é claro que deve haver carnaval! Por que não haver carnaval? Por que interromper essa tradição de alegria mais que centenária entre nós? (*O Cruzeiro* 6 mar. 1943, 2).

E, na matéria, que é bem longa, ela continua:

Vedê as canções deste ano. Algumas não valem nada, é verdade. Mas quanta sátira deliciosa, quanta molegada de gênio, quanta bola de primeiríssima ordem! É uma propaganda anti-Eixo, anti-quinta-

<sup>2</sup> Esse acervo sobre o desfile de 1942 pode ser encontrado na Cinemateca Brasileira.

coluna e pró-aliada da maior intensidade e da maior eficiência. O homem da rua dificilmente se detém ante o rádio de café para escutar comentários e boletins de guerra, feitos numa linguagem que ele entende mal, exigindo conhecimentos geográficos e políticos que ele não possui. Mas se o rádio berra numa toada agradável que “vai pendurar o violão e pegar no fuzil” ele acha graça e aprova. Como aprova o “Alô, tio Sam”, em que se oferece solidariedade ao velhote de barbicha e casaca listada. [...] Dizem que os jovens nazistas vão para o combate entoando o Hort Wessel, que é um canto fúnebre à memória de um rapaz morto. Pois a rapaziada daqui, quando pegar no fuzil, cantará coisa mais alegre. Com cuíca, pandeiro, violão, há de ganhar esta guerra e “cantar o samba em Berlim...” (O Cruzeiro 6 mar. 1943, 2).

E por que motivos a autora se dedicaria a escrever tal texto? Até aquele momento o carnaval ainda estava sob suspeita. A primeira tentativa de realizar os desfiles ocorreu com a intervenção da primeira-dama, Darcy Vargas, que pretendia organizar dentro do Estádio de São Januário um desfile em prol da “cantina do soldado”, para atender “aos bravos soldados brasileiros” (A Manhã 19 jan. de 1943, 3). Cerca de um mês após esse anúncio, a dificuldade em conseguir o patrocínio para o evento fez com que a União Geral das Escolas de Samba resolvesse cancelar a festa (A Manhã 19 jan. de 1943, 3).

Para além destas questões, o carnaval de rua recebeu novos adendos de fiscalização. Para além da proibição do uso de máscaras, o que já, de maneira informal, acontecia nos anos anteriores, neste carnaval de 1943, ficaram proibidos de participar dos festejos os imigrantes vindos dos países do Eixo- alemães, italianos, e japoneses- pois “seria inadmissível ver aqueles que trouxeram a guerra ao país, se divertindo justamente enquanto os brasileiros eram enviados ao *front*”, sem contar que qualquer música que questionasse ou simplesmente mencionasse o posicionamento do Brasil na guerra, poderia render a prisão dos autores ou de quem cantasse a obra (Bezerra 2012, 157). Essa mesma medida foi reproduzida sob o nome de “Carnaval em tempos de guerra” nos anos de 1944 e 1945 (Correio da Manhã 28 jan. 1943, 4).

Mesmo com a iniciativa da primeira-dama, o desfile das escolas de samba não saiu do papel. Somente no final de fevereiro, e, portanto, pouco dias antes dos festejos, é que o horizonte dos sambistas começava a mudar. Em 28 de fevereiro o jornal “A Manhã”, do Rio de Janeiro, publica a seguinte matéria, a citação é um pouco longa, mas vai nos fornecer um panorama interessante do contexto:

**Liga de defesa nacional.** Em prosseguimento com seu vasto programa de colaboração para o aumento do esforço de guerra nacional, a Liga de Defesa Nacional está promovendo as *démarches* para a realização do “Carnaval da Vitória”. Esta iniciativa da Liga tem como finalidade principal a aquisição de fundos para a compra de obrigações de guerra. [...] O “Carnaval da Vitória” é, pois, a cooperação com o governo numa preparação psicológica do povo para a luta contra os nipo-nazi-fascistas. As escolas de samba deram a sua decidida e eficiente adesão á iniciativa da Liga (Correio da Manhã 28 jan. 1943, 4).

A matéria continua com a parte que consideramos mais importante de toda a publicação:

**Através das escolas de samba, a Liga levará a palavra de ordem do governo, no sentido de desenvolver no máximo o programa de preparação das camadas populares até os subúrbios**

---

e zonas mais distantes da cidade. [...] O “Cortejo da vitória”, cuja organização está a cargo da prestigiosa União Nacional dos Estudantes, percorrerá os pontos de maior aglomeração popular. Os carros alegóricos apresentarão temas de cunho patriótico, destacando-se entre eles os seguintes: **“Apoio à política do governo; União Nacional; Carta do Atlântico; Campanha do Bônus; Crítico às doutrinas totalitárias; e Apoteose da vitória”**. O slogan “Colaboro mesmo quando me divirto” será lançado demonstrando que até mesmo nas diversões cada um de nós tem oportunidade de contribuir para a defesa nacional contra o nazi-fascismo” (Correio da Manhã 28 jan. 1943, 4, grifos nossos).

Esse trecho deixa muita clara a preocupação do governo em levar sua mensagem às classes populares, e usa o carnaval, notadamente o desfile das escolas de samba, para atingir seu intento. Era necessário convencer a população da emergência da guerra e, com isso, arregimentar soldados para a Força Expedicionária. Segundo Capelato, a organização e a prática da propaganda política buscavam mais impressionar do que convencer (Capelato 1998). A propaganda seria mais do que um instrumento de poder, ela era o próprio poder. Neste sentido, o DIP atuou intensamente, principalmente na imprensa periódica como uma forma de desenvolvimento e modelagem da consciência nacional. No contexto da guerra, e buscando a aprovação popular, nada como lançar mão do carnaval para manipulação das massas a favor do estado de beligerância.

A própria Liga de Defesa Nacional (LDN), crítica do governo varguista, lança mão de sua “luta” contra o nazifascismo para apoiar as campanhas a favor da entrada do Brasil no conflito e, desta forma, acabava por beneficiar a propaganda política do Estado Novo. Ao lado das tradicionais campanhas cívicas de exaltação à nação e a seus símbolos e vultos históricos, a LDN passou a patrocinar conferências antifascistas em sua sede, e, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939, a luta antifascista da Liga ganhou nova dimensão, sendo lançada a palavra de ordem de barrar o avanço nazista a qualquer preço. A entidade começou a promover conferências fora de sua sede, em grandes casas comerciais do Rio como a Mesbla e O Camiseiro, com o objetivo claro de atrair as classes mais populares. A LDN, juntamente com a União Nacional dos Estudantes (UNE), e outras entidades antifascistas, lideraram o movimento de conscientização da população contra os países do Eixo e a favor dos Aliados. Durante esse período, estendendo-se até o final do conflito, a Liga foi a principal promotora de três grandes campanhas em todo o país: a do envio de um corpo expedicionário brasileiro para a Europa — concretizada entre julho e novembro de 1944; a do esforço de guerra, ou seja, da criação de toda uma infraestrutura que permitisse ao país arcar com os problemas trazidos pelo conflito mundial; e, finalmente, a do

“ajudismo”, ou auxílio material aos soldados brasileiros no front, com o envio de alimentos, roupas e objetos de uso pessoal.<sup>3</sup>

Em 06 de março de 1943, o general Marcelino Ferreira, presidente da Comissão Executiva da LDN, publica nos jornais maiores orientações sobre a festa de momo, ampliando o escopo dos temas que deveriam ser abordados. Foram inseridas as seguintes temáticas àquelas anteriormente divulgadas:

[...] triunfo nacional; esforço de guerra; petróleo, borracha, siderurgia etc; apoio às forças armadas; campanha das obrigações de guerra; apoio à LBA e à CVB; cooperação militar Brasil- Estados Unidos; eficiência militar do Brasil; união continental; pacto das Nações Unidas; repulsa aos torpedeamentos; críticas aos chefes totalitários e suas exóticas doutrinas; apoteose à Vitória (A Manhã 6 mar. de 1943, 4).

Os acréscimos estão em consonância à política de Vargas de aproximação com os Estados Unidos na chamada “Política da Boa Vizinhança”. Essas temáticas seriam fiscalizadas, como forma de controle da propaganda e da uniformidade do discurso relativo à guerra. Nesse mesmo jornal, logo após a matéria acima relacionada, foi publicado o programa do “carnaval da vitória”. No domingo, dia 7 de março, saíram às ruas as escolas de samba, que se reuniram às 20h na Praça Mauá e fizeram o desfile na Avenida Rio Branco; na segunda à noite, ocorreu uma nova passeata, desta vez das pequenas sociedades carnavalescas e na terça, também de noite, o “Cortejo da Vitória” conduzido pela UNE e constituído de carros alegóricos com sátiras aos ditadores e temas de exaltação patriótica (A Manhã 6 mar. de 1943, 4). Em 7 de março, no jornal vespertino, a LDN conclamava o público a assistir aos desfiles:

A Liga de Defesa Nacional e a União Nacional dos Estudantes convidam o povo a assistir os desfiles das Escolas de Samba, das pequenas sociedades, e do préstito cívico que percorrerão a Avenida Rio Branco às 20 horas de domingo, segunda e terça (A Manhã 7 mar. de 1943, 4).

Apesar da ausência dos foliões nos carnavais de rua, fato noticiado, e fotografado, pelos jornais, o desfile das escolas de samba foi um sucesso. Atendendo às determinações da LDN, as escolas produziram seus carros alegóricos dentro das temáticas estipuladas, sendo extremamente pedagógico acerca daquilo que o governo necessitava repassar às classes populares. Apesar da propaganda ser dos desfiles na Avenida Rio Branco, pensando no controle e também com a intenção de cobrança de ingressos em prol da “Cantina dos soldados”, que fora anteriormente pensada por Darcy Vargas, o desfile ocorreu no Campo de São Cristóvão. A Revista da Semana de

<sup>3</sup> Em maio de 1943, a liga participou da Semana Antifascista, que reuniu no Rio representantes da UNE, da Sociedade Amigos da América e do Conselho Antieixista do Banco do Brasil, e contou com o apoio de várias autoridades. A promoção compreendeu solenidades e sessões públicas, incluindo visitas aos túmulos das vítimas do integralismo e do fascismo e o julgamento simbólico do líder integralista Plínio Salgado. No final desse mesmo ano, foi fundada a seção fluminense da LDN, cuja presidência foi entregue ao comandante Ernâni Amaral Peixoto, interventor no estado do Rio de Janeiro e genro de Getúlio Vargas. Esse fato atesta a força da propaganda democrática e antifascista em círculos do próprio governo (Liga de Defesa Nacional 2009)

13 de março de 1943, noticiou os desfiles e, em suas páginas, publicou as fotografias dos carros alegóricos que fornecem ao pesquisador exatamente o tom daquele evento. Escreveu ainda que

A nota mais pitoresca e original dos festejos carnavalescos deste ano foi talvez a do préstito dos estudantes realizado em substituição aos tradicionais cortejos dos clubes. Em vez dos motivos chistosos ou alegorias puramente decorativas, os rapazes saíram à rua com imponentes composições alusivas às grandes figuras das democracias em luta contra o nazismo. Dão mesmo modo, as escolas de samba, nas suas vistosas evoluções levadas a efeito no Campo de São Cristóvão, apregoara, ao som de suas marchas famosas, os propósitos cívicos que animam o nosso povo, exibindo centenas de cartazes com legendas patrióticas ou críticas espirituosas aos ditadores eixistas (Revista da Semana 13 mar. de 1943, 6).

E o jornal tinha razão. No desfile temos exemplos de praticamente todos os temas “sugeridos” pela LDN. As alegorias planejadas foram dispostas da seguinte forma:

1ª Apoio ao governo, 2ª União Nacional, 3ª Esforço de Guerra, 4ª Apoio às forças armadas, 5ª Campanha das obrigações de guerra, 6ª Apoio a L. B. A. e a C. V. B., 7ª Cooperação Militar Brasil-Estados Unidos, 8ª Eficiência militar do Brasil nas tarefas que lhe possam caber, 9ª União continental, 10ª Carta do Atlântico- Pacto das Nações Unidas, 11ª Repulsa aos torpedeamentos, 12ª Crítica aos chefes totalitários e às suas exóticas doutrinas, 13ª Apoteose à vitória (Revista da Semana 7 mar. de 1943, 4).

O préstito final do carnaval de 1943 acabou ocorrendo na Rua do Ouvidor, onde um palanque foi montado e um microfone clamava pelo apoio popular à guerra. Algumas fotos dos carros alegóricos foram dispostas pela Revista da Semana, mas não conseguimos identificar exatamente quais são, mas de acordo com a legenda da imagem, os carros homenagearam as “nações unidas” (contra o Eixo); o presidente Getúlio Vargas em detrimento do líder japonês “Hiroito, de riso amarelo, [sendo] enterrado num carro de lixo” e “Hitler, o detestado chefe da tríade eixista, esmagado pela ofensiva de inverno” (Correio da Manhã 11 mar. de 1943). À frente do primeiro carro alegórico, vieram os bustos do presidente Getúlio Vargas, Roosevelt, Churchill, Chiang-Kai-Shek e Stalin, em seguida, um carro representando as riquezas nacionais do Brasil, uma clara alusão ao apoio à siderurgia e o petróleo (Fig. 1); após esta alegoria, um carro com a palavra “África”, ilustrando os soldados brasileiros em posição de ataque sobre corpos nazistas nos areais norte-africanos (Fig. 2). Os outros carros que compuseram o cortejo referiam-se a generais brasileiros e ao general Justo, ex-presidente argentino, “pela amizade existente entre os dois países”. Fechando o cortejo, um carro de crítica aos ditadores nazifascistas e ao integralismo, “simbolizado por uma galinha morta pintada de verde”. Destacamos também duas outras alegorias bem interessantes: uma com o busto de Getúlio Vargas e o primeiro-ministro britânico Winston Churchill, a fim de exaltar a campanha brasileira ao lado dos aliados (Fig. 3) e outro com sambistas à frente portando cartazes com as imagens de Caxias, Marília Dias e Tamandaré, no intuito de incluir a ideia de exaltação cívico-patriótica aos heróis recém alçados à categoria de destaque nas forças armadas, bem ao estilo do que propagava a LDN (Castro 2000).



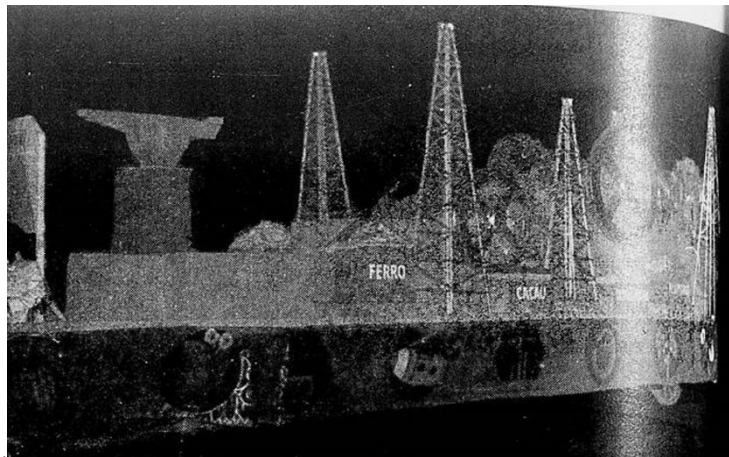


Figura 1: Carro alegórico de exaltação da siderurgia e ao petróleo.

Fonte: Revista da Semana, 13 de março de 1943, 1. Biblioteca Nacional



Figura 2: Soldados brasileiros em posição de ataque sobre corpos nazistas nos areais norte-africanos.

Fonte: Revista da Semana. 13 de março de 1943, 1. Biblioteca Nacional.



Figura:3: Alegoria com o busto de Getúlio Vargas e o primeiro-ministro britânico Winston Churchill.

Fonte: Revista da Semana. 13 de março de 1943, 1. Biblioteca Nacional.





Figura 4: Exaltação cívica.

Fonte: Revista da Semana. 13 de março de 1943, 1. Biblioteca Nacional.

Segundo Sérgio Cabral, compareceram no “Carnaval da Vitória” as seguintes escolas de samba: Azul e Branco, Cada Ano Sai Melhor, Portela, Estação Primeira, Paz e Amor, Deixa Malhar, Lira do Amor, Depois Eu Digo, Unidos do Salgueiro, União do Sampaio, Unidos da Tijuca, Império da Tijuca e Mocidade Louca de São Cristóvão (Cabral, 1996, 137). O júri foi composto pelo capitão Luís Gonzaga; pelos jornalistas Lourival Pereira, Benedito Calheiros Bonfim e Guimarães Machado; e pelo estudante Maurício Vinhais (representante da UNE), que deram a vitória à Portela com o enredo “Carnaval de Guerra”, seguida, nesta ordem, pela Estação Primeira e Azul e Branco. Mais uma vez a Portela sagrou-se campeã com um samba sobre a entrada brasileira na guerra e a favor da democracia, ou seja, exatamente aquilo que não existia durante o Estado Novo, sendo muito perspicaz e audaciosa em trazer à tona tal temática num evento de grande destaque:

Democracia/Palavra que nos traz felicidade/Pois lutaremos/Para honrar a nossa liberdade/Brasil!  
Oh! meu Brasil/Unidas nações aliadas/Para o front eu vou de coração/Abaixo o Eixo/Eles  
amolecem o queixo/A vitória está em nossa mão (Cabral 1996, 137-138).

Entre os desfiles das escolas de samba eram lidos discursos de altas autoridades a respeito da ameaça que pairava sobre a soberania nacional. Ao final dos desfiles, foi pedido ao público que erguessem os braços em forma de “V”, o que o jornal afirma que foi feito pela “imensa massa desde a praça Mauá até a Cinelândia” (Correio da Manhã 11 mar. de 1943, 1). Outro dado interessante sobre o carnaval de 1943, foi publicado em formato de nota, bem na parte inferior da página do jornal. O título: “O campo do Vasco e o boatos”. Sobre o que a nota versava? Sobre “boatos” acerca de uma espécie de “campo de concentração” para “súditos do Eixo” que foram presos durante o carnaval. Segundo a portaria que cassava o direito de alemães, italianos e japoneses de frequentarem as festas de carnaval, quem desobedecesse seria preso, alguns indivíduos não cumpriram a determinação e foram recolhidos. O Chefe de Polícia, o coronel Alcides Eichegoyen,

foi ao jornal desmentir os boatos de que enviou esses presos ao Campo do Vasco e que eles totalizariam mais de 30, afirmou ainda que estavam recolhidos à Polícia Central, mas que haviam sido postos em liberdade tão logo terminado os festejos carnavalescos, dia 10 de março (Correio da Manhã 11 mar. de 1943). Se foi verdade essa história, não temos como determinar, pois não foram encontrados dados relativos ao episódio. Apesar da propaganda, o “Carnaval da Vitória” de 1943, não obteve o sucesso esperado. A quantidade de foliões nas ruas diminuiu em relação do ano anterior e, mesmo acreditando que a guerra logo terminaria com a entrada dos Estados Unidos, ela ainda se arrastou por mais dois anos e o Brasil acabou enviando tropas para o Teatro de Operações do Mediterrâneo. Tudo isso se refletiu nas ações do governo e na reação da população. O carnaval não ficaria de fora.

### **1944, disciplina e paciência: o carnaval de tempo de guerra**

O carnaval de 1944 foi muito diferente dos anteriores. O esforço de guerra havia definitivamente chegado ao Brasil. Ainda em dezembro de 1942, em almoço com representantes das forças armadas, o presidente Getúlio Vargas afirmou que o Brasil não se limitaria ao fornecimento de materiais estratégicos para os países aliados e, alguns dias após essa declaração, o ministro da guerra, o general Eurico Gaspar Dutra, apresentou um memorando ao presidente indicando que o contingente a ser enviado para o exterior deveria ser composto de cinco divisões, totalizando cerca de 100 mil homens. Em fevereiro de 1943, Vargas se encontrou com o presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt na base militar de Natal, onde este último mencionou a possibilidade de o Brasil enviar tropas aos Açores e à Ilha da Madeira, talvez, por este motivo, alguns cartazes do carnaval daquele ano mencionavam a questão africana. Mas Vargas deixou claro para Roosevelt que qualquer envio de tropas brasileiras dependeria do recebimento do equipamento bélico prometido pelos Estados Unidos.

O envio das tropas brasileiras não era consenso nem nos EUA, o que oporia Roosevelt ao Departamento de Guerra, que considerava problemático o transporte de tropas brasileiras para a África. Em março de 43, Vargas aprovou o memorando de Dutra sobre a Força Expedicionária, ressaltando, contudo, que o envio estaria condicionado ao recebimento do material bélico necessário, tanto da Força Expedicionária quanto da que protegeria o território. Somente em 9 de agosto de 1943, através da Portaria Ministerial n.º 4.744, publicada no Boletim Reservado, de 13 do mesmo mês, foi estruturada a FEB, constituída pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e por órgãos não divisionários. Nos últimos meses de 1943, ficou decidido então que o Brasil enviaria um corpo expedicionário para lutar no Teatro de Operações do Mediterrâneo. Neste

sentido, o carnaval, que ocorreria em 21 de fevereiro de 1944, já ficou marcado com essa nova realidade, bem como, estava ameaçado devido à questão financeira.

Austregésilo de Ataíde<sup>4</sup>, em crônica publicada na Revista Semanal “O Cruzeiro”, questiona e critica a possibilidade de ter carnaval naquele ano. Com o título “O grito da morte”, Austregésilo discorria sobre o que ele considerava “egoísmo de muitos” e “incompatibilidade entre festas dispersivas do carnaval e as redes imposições do conflito” (O Cruzeiro 29 jan. de 1944). Em outro trecho ele afirma que “e seus filhos partem para a batalha. Muitos não regressarão nunca mais. Cruzes perdidas na terra estrangeira... o grito da morte, no encontro com o destino” (O Cruzeiro 29 jan. de 1944). Essas palavras duras refletiam o sentimento da época. Em 28 de janeiro, o chefe de polícia do Distrito Federal publica o que seria uma espécie de regulamento para aquele carnaval. O endurecimento e as proibições foram a tônica. Com o título de “Carnaval de tempo de guerra. Uma longa portaria do chefe de polícia”, praticamente impossibilitava manifestações espontâneas, qualquer estandarte ou insígnia deveria antes passar pelo crivo do governo; todas as manifestações carnavalescas deveriam ocorrer somente no Campo de São Cristóvão e mais em nenhum outro lugar da cidade; ficava proibido qualquer detalhe em fantasias que se remetesse às forças armadas; regulava as bebidas, os locais e o horário que poderiam ser servidas; cada clube deveria ter policiamento próprio e uma série de documentos passaram a ser exigidos, tudo isso acabaria, de certa forma, inviabilizando a festa de momo (Correio da Manhã 28 jan. de 1944). Em 5 de janeiro a prefeitura do Distrito Federal já anunciava que, como no ano anterior, não haveria subvenção para o carnaval devido ao “estado de guerra”, nem mesmo o tradicional baile de máscaras do Theatro Municipal ocorreria (A Manhã 5 jan. de 1944, 6).

Se a intenção das autoridades era esvaziar o carnaval, eles obtiveram sucesso. Nos jornais poucas notícias relativas às festividades, se limitando ao anúncio dos bailes privados. Somente a Revista O Cruzeiro se dedica um pouco mais a falar sobre o assunto. Na edição de 19 de fevereiro de 1944, uma longa matéria descrevia o carnaval de rua. Dentre as várias fotografias da edição, chamou-nos a atenção dada aos festejos populares, atribuindo-lhes uma espécie de “resistência

---

<sup>4</sup> Belarmino Augusto Maria Austregésilo de Ataíde nasceu em Caramuru (PE) em 25/09/1898, mudou para o Rio de Janeiro em 1918. Cursou a Faculdade de Direito (profissão que nunca exerceu) e em seguida ingressou no jornalismo, trabalhando em jornais como *A Tribuna*, *Correio da Manhã* e *O Jornal*. Divergiu de seu patrão, Assis Chateaubriand, quanto à Revolução de 1930 por acreditar que “as revoluções não trazem benefícios, apenas conduzem à contra-revoluções”. Tal posicionamento não impediu que Ataíde recebesse a direção do *Diário da Noite*. Ligou-se em 1932 aos líderes da Revolução Constitucionalista, razão pela qual, após a derrota da inventiva, foi exilado do país. Ao voltar do exílio em 1934, reassumiu a direção do *Diário da Noite* e de *O Jornal*, posicionando-se contra o Governo Provisório e, em 1937, contra o regime de exceção implantado por Getúlio Vargas. Sua militância política em diversos periódicos o levou a ser convidado para a formulação da Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, dois anos depois, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), instituição na qual foi presidente sucessivas vezes a partir de 1958 (Dicionário 2001, 414)

política” através da diversão. Em forma de diálogo, o carnaval de 1944 é discutido pelos personagens fictícios Edmar Morel e Pingô, por quem a discussão é iniciada:

- Nós estamos em guerra. O carnaval, nem por isso, é condenável em tais condições. Por quê? Em verdade eu vos digo: Não, não é com choradeira que se ganha as batalhas. Os nossos anseios de vitória não se realizarão mais depressa. Nem as nossas distrações perturbará a marcha para Roma, Tóquio e Berlim. Pingô tomou fôlego e acrescentou:

- Pelas ruas, as escolas de samba já desfilam, sem Laurindo na bateria.

Cadê Laurindo? Foi para o “front”. Mesmo assim a escola desceu. Porque o povo precisa sambar. Nos salões os granfinos se divertem em “soirées”, bailes elegantes, achampanhados, Beach Club e não sei mais o que. Gostam dessa distração? Não lhes fica bem sambarem na rua, pois não? O povo gosta. O Zeca do morro gosta de vir à praça desabafar dos trezentos e sessenta dias de trabalho. Não importa que depois vá para a frente da luta. Irá, satisfeito por dar uma ajuda. Se não fizer seu carnaval externo, ele, que não tem club, que carnaval fará?

Cidadão [Edmar Morel] respirou, desafogando o colarinho duro. Cidadão Pingô, cidadão Pingô, escuta bem: a razão está contigo, velho boêmio dos cartórios e das letras. Tanto está, que o carnaval está na rua (O Cruzeiro 19 fev. de 1944, 20-21).

Sobre os desfiles das escolas de samba, nada foi dito pelos jornais, por isso maiores informações relativas às escolas de samba couberam ao memorialista Sérgio Cabral, de acordo com quem a União Geral das Escolas de Samba determinou:

- a) Que as escolas de samba filiadas fiquem à vontade com relação à saída ou não no carnaval;
- b) Que a União geral das Escolas de Samba não tomará qualquer iniciativa quanto ao desfile das escolas até o carnaval;
- c) Que a UGES somente se fará representar nos festivais internos de suas filiadas ou não;
- d) Que fica suspenso o expediente da secretária da UGES nos dias consagrados aos folguedos carnavalescos;
- e) Que as suas filiadas, no caso de resolverem sair nos dias consagrados aos folguedos, devem cumprir rigorosamente as determinações do Sr. Tenente coronel chefe de polícia e de seus auxiliares na manutenção da ordem e do respeito que deve prevalecer nesses dias, a fim de cooperar com os mesmos devido à situação de guerra em que nos encontramos (Cabral 1996, 138).

Segundo Cabral, que menciona apenas o fato de a Portela ter sido campeã mais uma vez sem, contudo, pormenorizar o enredo e o júri, os jornais estavam tão desacreditados no carnaval que não mandaram seus repórteres cobrirem os desfiles e, por isso, há uma carência de detalhes. Mas encontramos algumas informações sobre esse desfile no Centro de Memória da Portela. Ainda em janeiro a União Geral das Escolas de Samba (UGES) divulgou nota oficial que, entre outras coisas, facultava a suas filiadas à condição de desfilar. Com isso, algumas agremiações se uniram em iniciativas isoladas e participaram em desfiles pela capital. No dia 12 de fevereiro, sábado anterior ao carnaval, a Unidos da Tijuca, a Unidos do Tuiuti e o Corações Unidos de Jacarepaguá desfilaram em Botafogo homenageando o prefeito e o chefe de polícia. Em Madureira, desfilaram a Unidos de Madureira, a Unidos de Bento Ribeiro e a Lira do Amor.

No desfile oficial, realizado dia 20 de fevereiro, no Obelisco da Avenida Rio Branco, participaram nove escolas. Mais uma vez o desfile foi “patrocinado” pela LDN e o júri foi formado por membros da própria Liga e da UNE. A Portela conquistou seu sexto título no carnaval, sendo, este, o quarto consecutivo, tendo a Estação Primeira obtido o segundo lugar. A escola apresentou

o enredo "Motivos Patrióticos", elaborado pela LDN, ou seja, de acordo novamente com os preceitos do discurso político governamental naquele contexto da guerra. As alegorias, idealizadas por Lino Manuel dos Reis, Euzébio e Nilton, homenagearam os principais símbolos nacionais, como a bandeira nacional, o brasão da República, o hino nacional, dentre outros. Eram a representação material da ideia de nação brasileira, mostrando ao público que era fundamental manter a união naquele momento traumático da história, onde soldados brasileiros seriam enviados ao front. A Portela levou para a avenida o enredo “Brasil Glorioso”, de autoria de Boaventura dos Santos, o Ventura, e se mostrava cada vez mais afinada com o discurso nacionalista do Estado Novo e com os tempos de guerra:

Ó meu Brasil glorioso/És belo, és forte, um colosso/É rico pela natureza/Eu nunca vi tanta beleza/Foi denominado terra de Santa Cruz/Ó pátria amada, terra adorada, terra de luz/Nessas mal traçadas rimas/Quero homenagear/Este meu torrão natal/És rico, és belo, és forte/E por isso és varonil/Ó pátria amada, terra adorada, viva o Brasil (Centro Cultural da Portela. s/l. s/d.).

### 1945: o carnaval do silêncio

Quando/O paraíso das cabrochas/Do seu Oswaldo Tintureiro/Desfilou e abriu o mar  
O mar/Que também é quizumbreiro/Morreu assassinado o Matinada/ Nas confusões  
que vestem fevereiro / (“Botafogo, chão de estelas”) (Valter Alfaiate. Letra: Paulinho da Viola, s/l, 1998).

Ao reproduzir esse trecho do samba de Paulinho da Viola “Botafogo, chão de estrelas”, estamos igualmente contando para o leitor um pouco do que foi o carnaval de 1945, o qual Paulinho, uma criança à época, disse ter marcado sua memória. Mas não pelos desfiles ou pela festa, mas pelo assassinato do passista Matinada. O ano de 1945 seria muito diferente e obviamente isso se refletiria no carnaval. Em julho do ano anterior, o primeiro escalão da FEB havia partido, com cerca de cinco mil homens, para sua missão na guerra, rumo à Itália. A ele seguiram-se mais quatro embarques, totalizando cinco e levando cerca de 25 mil homens, sendo o último em 8 de fevereiro de 1945. Desde setembro já estavam em franca campanha, sendo os combates intensificados ao final de 1944, ou seja, muito próximo ao carnaval. Os jornais destacavam as notícias da guerra, e, principalmente, a atuação dos brasileiros, então pouco sobrou para notícias carnavalescas. Em 13 de janeiro, a Revista da Semana publica uma nota intitulada “Há ou não há?” sobre a pertinência ou não de se manter as festividades mesmo estando no clima da guerra (Revista da Semana 13 jan. de 1945). Criava-se um verdadeiro horizonte de expectativa acerca daquilo que ainda estaria por vir, mas igualmente sobre o destino dos soldados brasileiros na Itália (Koselleck 2006, 310). Assim como a experiência, a expectativa se realiza no hoje, numa espécie de futuro presentificado, tratando-se um não experimentado, não acontecido, são sempre uma esperança, indicando sempre um presságio. “Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem”



(Koselleck 2006, 310). Nesse sentido, retomamos a matéria da Revista da Semana que nos revela o “horizonte de expectativa” vivenciado naquele contexto. A nota, apesar de pouco destacada, discute primeiramente a pertinência da festa afirmando que “haverá de qualquer maneira”, mas as palavras seguintes chamam a atenção pela percepção dos lucros sobre a festa quando afirma que

os que tem interesse de indústria [...] defendem esse ponto de vista com unhas e dentes [...]. Ainda ouvíamos uma série de impropérios violentos [...] contra jornalistas que, pelas colunas da imprensa, tem feito lembrar, com muito acerto, o fato de estarem alguns milhares de nossos patrícios lutando com a adversidade de um inimigo feroz e enfrentando ainda o mais terrível inverno que os rapazes brasileiros na Itália com certeza já conheceram (Revista da Semana 13 jan. de 1945, 3).

E segue com um tom mais crítico afirmando que

Se estamos em guerra, há consequentemente mortos e feridos entre nossos amigos e parentes; há ainda pais, esposas e irmãos cobertos de luto, não em qualquer país distante, mas aqui mesmo na capital da República. Desejariamos saber qual terá sido a reação manifestada no espírito e nos nervos de quantos tem pessoa da família no *front*, lendo ou ouvindo a defesa dos carnavalescos inveterados. Pelo modo, tudo faz crer que as autoridades não estão dispostas a baixar qualquer impedimento oficial [...] mas prefere o governo, talvez acertadamente, deixar que nós próprios nos manifestemos. [...] Apenas surge o repertório carnavalesco [...] quando os jornais se abstêm de oferecer suas páginas como acontecia em tempos de paz, a divulgação do noticiário folião. [...] chegam telegramas da Europa anunciando que os soldados brasileiros se aprestam para participar das batalhas decisivas que os levarão às portas de Berlim. [...] Haverá mais mortos e feridos até conseguirmos atingir a vitória que anda cantada e decantada nos versinhos ingênuos de nossos sambistas. Um Carnaval da Vitória será festejado espontaneamente no dia em que esta surgir, seja que mês for, mas não acreditamos que esteja tão próximo (Revista da Semana 13 jan. de 1945, p 3).

Apesar de um pouco longa, a citação explicita muito bem o clima naquele início de 1945. A FEB entrava em combate e as notícias ainda não teriam como determinar a possibilidade de um fim próximo para guerra. Desta forma, a nota pede uma prudência nos festejos e comemorações e projeta, a partir dessa noção de horizonte de expectativa, um possível carnaval da vitória (que será matéria do próximo tópico). Além do respeito, nota-se um uma tensão relativa ao caminhar dos acontecimentos na Europa e um cuidado ao se tratar do assunto perante a opinião pública.

A questão de não ter carnaval em 1945, realmente era pensada pelos presidentes dos clubes. Já sem a subvenção da prefeitura desde 1943, as iniciativas deveriam ser exclusivamente particulares. Em entrevista ao jornal *A Noite*, Heitor Beltrão, vice-presidente da Associação Comercial e também vice-presidente da Associação Brasileira de Imprensa, mas, que naquele momento, respondia às questões do repórter como Presidente do Tijuca Tênis Club, afirmava que era uma questão de honra e bom senso o respeito aos enlutados, pois “todos os clubes interessados possuem grande número de seus associados integrando as forças expedicionárias brasileiras [...] só o Tijuca conta com cerca de 300 sócios – oficiais e soldados – nas fileiras da FEB”, e completa como uma espécie de previsão para um futuro próximo “faremos depois o carnaval da Vitória, um Carnaval tão justo e tão estrondoso que nos possa reabilitar aos olhos exigentíssimos de momo” (A Noite 3 jan. de 1945, 5).



Com as obras de abertura da Avenida Presidente Vargas, a Praça XI deixou de ser efetivamente o local de desfile das escolas. Sem patrocínio público, era praticamente impossível realizá-lo em qualquer que fosse o local. Mais uma vez entrou em cena a primeira-dama, D. Darcy Vargas que, aproveitando o desfile, utilizou-o para angariar fundos para LBV em prol dos soldados da FEB. O local escolhido foi o campo do Vasco da Gama, São Januário, palco das grandes manifestações do regime varguista. Precisamente, o desfile ocorreria em sua pista de atletismo que hoje não existe mais. Como nos anos anteriores, a organização ficou a cargo da LDN e da UNE. Pelo que noticiou o Jornal do Brasil, o número de pagantes até que foi considerável (Jornal do Brasil 6 fev. de 1945, 2).

Nada foi noticiado nos jornais sobre o desfile. O caso mais importante naqueles “dias de folia” foi o mesmo que impressionou Paulinho da Viola: o assassinato de José de Oliveira, o “Matinada”. O público acessava o estádio pelo portão central enquanto as escolas de samba pelo portão da rua Abílio, que não existe mais. A primeira a entrar foi a escola Depois Eu Digo, seguida de A cada ano sai melhor. Ao se aproximarem houve uma certa confusão e o desalinhamento de seus componentes, dando margem a uma discussão que logo se tornou acalorada, formando dois grupos opostos em divergência. Um dos mais exaltados agrediu um “opositor” à facadas e quando a polícia, que disse não estar ciente do desfile, chegou ao local, foram feitas várias prisões, com um saldo de quatorze feridos e um morto: Matinada. (Jornal do Brasil, 6 fev. de 1945, 2). O jornal cita os nomes dos feridos na confusão, dois deles, soldados do exército, que foram encaminhados ao Hospital Central. Sobre Matinada, o jornal somente informa que ele tinha 20 anos, era morador do Morro do Salgueiro e integrante da Depois eu digo (Jornal do Brasil, 6 fev. de 1945, 2). Matinada recebeu golpes de faca no abdômen e ficou estirado no campo de São Januário aguardando socorro, mas como este demorava, foi encaminhado para o Departamento Médico do Vasco da Gama, onde acabou morrendo. No primeiro momento, as autoridades acusaram e prenderam o mestre-sala Avelino dos Santos, conhecido como Bicho Novo. Acelino dos Santos, Bicho Novo, maior mestre-sala da era romântica do carnaval, foi acusado pelo crime e preso na casa da mãe dois dias depois. Bicho Novo foi o mestre-sala da Deixa Falar, dita primeira escola de samba do país, no bairro do Estácio de Sá, entre 1928 e 1931. Testemunhas contaram que a briga de morte se deu entre um mestre-sala da Cada Ano Sai Melhor, uma escola de samba do Estácio, e componentes da Depois Eu Digo. A polícia foi atrás do mestre-sala mais conhecido da região, o Bicho Novo. Ele foi preso negando o crime e passou quatro meses no presídio de Ilha Grande, no sul fluminense. Contudo, Bicho Novo acabou liberado depois que a polícia verificou que ele nem mesmo estava presente em São Januário na hora da confusão. Sebastião Bezerra Resende, o Dedé, também chegou a ser detido

como suspeito pelo crime. A morte de Matinada, registrada em pés de página dos jornais cariocas da época, ficou sem final definitivo.<sup>5</sup>

Na semana seguinte, a UNE organizou na Avenida Rio Branco um campeonato em que a Portela foi campeã, mais uma vez, com a Estação Primeira, em segundo. O samba apresentado no desfile foi composto por Zé “Barriga Dura” e Nilton “Batatinha”. A letra do samba representa muito bem essa noção de uso do festejo popular no intuito de apoiar as ações e decisões do governo e incentivar o alistamento de soldados:

Somos todos brasileiros/E por ti queremos servir/O clarim já tocou: reunir!/Adeus minha querida que já vou partir/Em defesa do nosso país/Verde, amarelo, branco e azul/Cor de anil é o meu Brasil/Ó meu torrão abençoado/Os teus filhos adorados/Seguiremos prá fronteira/Prá defender a vida inteira (Centro Cultural da Portela 1945, 10).

### **“Não há tristeza que resista”: 1946 e o verdadeiro carnaval da vitória**

Poucos meses após o carnaval, mais precisamente em 8 de maio de 1945, a guerra na Europa termina. A desmobilização da FEB ocorreu ainda na Itália, no dia 6 de julho e, doze dias após, o primeiro escalão já estava de volta ao país. Recebidos com festas que foram diminuindo ao longo do retorno do restante do efetivo, concluído em 3 de outubro daquele ano (Ferraz 2010, 343-361). No Brasil, junto às comemorações, iniciava também um processo político de crítica e posterior deposição do governo de Getúlio Vargas, igualmente em outubro de 45. Nas eleições que seguiram ao processo de redemocratização após a ditadura do Estado Novo, foi eleito o ministro da guerra do governo Vargas, o general Eurico Gaspar Dutra. Passadas as comemorações e a campanha política, o carnaval voltou a ser pauta dos jornais da Capital Federal. A promessa de um “carnaval da vitória” foi retomada e o poder público buscava formas de viabilizá-lo.

Ainda em novembro de 1945, começam as publicações acerca da festa. Desde apresentações no Teatro de Revista<sup>6</sup> até mesmo preparativos dos carnavais dos salões e sociedades. Bastou virar o ano que a ansiedade pela grande festa tomava as páginas dos jornais: “O carnaval promete ser dos antigos, com uma alegria a muito acumulada, refreada pelos acontecimentos tristes. Será certamente um carnaval popular, de sair à rua e voltar na quarta-feira com a cara murcha de fim de mundo” (Diário Carioca 17 jan. 1946, 8). Ao contrário dos outros anos, no carnaval de 1946 houve uma liberalização, como uma espécie de comemoração que realmente estava contida há anos devido à guerra, com os horários dilatados, permissão para a participação de descendentes de alemães, japoneses e italianos, uso de máscaras e fim de diversas restrições implementadas em

<sup>5</sup> Para saber mais sobre essa história, cf. Jornal do Brasil (dias 6,7 e 8 de fevereiro); O Jornal (dia 19 de fevereiro); Diário da Noite (dia 5 de fevereiro); A Noite (dias 5,6 e 7 de fevereiro), ver mais em Cabral, 1996.

<sup>6</sup> Em 9 de janeiro de 1946, o jornal *A Noite* noticiava que Walter Pinto, entre outros, planejavam escrever uma revista carnavalesca intitulada *Carnaval da Vitória* (A Noite 9 jan. 1946)

tempos de guerra. Até mesmo programas de rádio carnavalescos retornaram, depois de praticamente 4 anos. “Não há tristeza que resista! Sambas, marchas, frevos e outras músicas de carnaval na voz dos cantores mais estimados do povo: Dorival Caymmi, Ademilde, Dircinha Batista, entre outros” (A Noite 17 jan. de 1946, 3). Outro dado interessante desse carnaval são as fantasias comercializadas naquele ano, todas se referem à guerra, notadamente ao exército norte-americano, “soldadinhos do Tio Sam” e “Mark Clark. Fantasia igual à do comandante do V Exército. Para toda a família” (Jornal dos Sports 24 fev. de 1946) um claro indício do alinhamento ao bloco capitalista na Guerra Fria que já dava seus primeiros sinais.

O financiamento público foi retomado pela prefeitura do Distrito Federal, só que desta vez foi oficialmente deliberado pela Secretaria de Turismo, anteriormente, em 1942, já havia sido tentado. Uma outra novidade foi a retomada do concurso de coretos enfeitados para o carnaval. Coreto é uma edificação composta de uma cobertura, situada ao ar livre (praças, jardins e outros espaços) e de acordo com a tradição urbana brasileira é utilizada para abrigar bandas musicais em concertos e festas populares, apresentações políticas e culturais. O coreto de carnaval, se refere, em geral, à decoração aplicada à tipologia arquitetônica de coreto: a decoração, a música de carnaval, o entorno aberto e preenchido pelos foliões, são elementos que identificam o coreto do carnaval carioca. Mas, este nem sempre era apoiado em um coreto arquitetônico, por vezes era uma peça independente, construída para um fim: na Avenida Rio Branco, por exemplo, construíram-se dezenas deles, montados em madeira e desmontáveis. Inicialmente realizados pelos moradores dos locais, passariam a ser idealizados por artistas especialmente contratados para esta finalidade, estimulados principalmente pelo patrocínio oficial do governo o que acirrar a competição entre os bairros (Guimarães e Santos Filho 2013, 108-114). Naquele ano de 46, nada mais óbvio do que o concurso de coretos, que foi financiado pelo Jornal dos Sports, tivesse como tema a vitória dos aliados. Na sua edição de 18 de fevereiro, esse mesmo jornal publica a seguinte nota:

O carnaval em Madureira. Conforme foi noticiado nesta seção, “Jornal dos sports” publicará dentre de alguns dias, sensacional reportagem em torno do majestoso coreto que será armada este ano no Largo de Madureira. No entanto, no intuito de informar aos leitores que nos tem telefonado a respeito, podemos adiantar que o motivo escolhido pelos artistas que estão confeccionando a grande obra será a vitória das Nações Unidas. Todas as figuras mundiais que contribuíram para o desaparecimento do nazi-fascismo serão homenageadas brilhantemente, o que importa em dizer que o coreto de Madureira constituirá uma apoteose à Força Expedicionária Brasileira e aos Exércitos das Nações Unidas (Jornal dos Sports 18 fev. de 1946, 5).

Em 21 de fevereiro outra matéria sobre o coreto de Madureira, está cobrindo mais de meia página do jornal, narrando os preparativos e mostrando os “beneméritos” do coreto. Sob a concepção do artista plástico Afonso Dias Martins, ele possuía 25 metros de altura por 15 metros

---

de largura, e continha painéis com “cenas” de batalhas onde a FEB participou e dos homens que estiveram à frente dos países vencedores (Fig. 5). Na sequência, o jornal disponibiliza os nomes e os endereços dos lojistas do local que auxiliaram com fundos para a confecção do coreto.



Figura 5: Preparativos para o coreto de Madureira.

Fonte: Jornal dos Sports. 21 de fevereiro de 1946, 4. Biblioteca Nacional.

O resultado do concurso dos coretos seria anunciado no domingo de carnaval, exatamente no coreto de Madureira. Sem nenhuma surpresa, o vencedor do concurso foi exatamente o “Coreto de Madureira” que foi visitado pelo prefeito do Distrito Federal, Mendes de Moraes e por ex-pracinhas (Fig. 6) demonstrando mais uma vez a importância daquele espaço na construção do discurso de nação empreendido desde os tempos da guerra.



Figura 6: Ornamentação do coreto de Madureira em homenagem à Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Fonte: Fundo Agência Nacional. Notação: BR\_RJANRIO\_EH\_0\_FOT\_EVE\_02169\_d0001de0002.pdf. Arquivo Nacional.

Os próprios jornais retomaram a divulgação de todos os preparativos para a festa, bem como faziam uma espécie de “incentivo” aos eventos que poderiam ocorrer. “O samba está de parabéns: voltou ao seu antigo reduto – a famosa Praça Onze. Deve-se a isso aos tenazes esforços da União Geral das Escolas de Samba” (A Manhã 5 jan. de 1946, 3). Quanto às escolas de samba, muito foi comemorada a iniciativa da prefeitura de possibilitar o retorno dos desfiles para a “nova” Praça XI, alterada devido à conclusão das obras de abertura da Avenida Presidente Vargas. “O samba está de parabéns: voltou ao seu antigo reduto – a famosa Praça Onze. Deve-se a isso aos tenazes esforços da União Geral das Escolas de Samba” (A Manhã 5 jan. de 1946, 3). Além disso, a organização dos desfiles deixou de ser realizada para LDN e UNE e voltou a ficar nas mãos das escolas. No carnaval de 1944, a Revista O Cruzeiro criou o personagem Laurindo, para representar o folião levado à frente de batalha, conforme vimos acima, agora em 1946 ele retorna

condecorado trazendo no peito a cruz da vitória. Não só ele, esse pracinha imaginário que o sambista criou, será um dos foliões componentes da multidão alegre que sairá à rua nos três dias de momo. [...] Muitos outro, gente de todas as castas [...] jubilosos pela vitória dos exércitos aliados, pelo regresso de seus entes caros, de seus amigos. Será esse, indubitavelmente o clima do ‘Carnaval da vitória’ (A Manhã 5 jan de 1946, 5).

Quanto aos enredos, das doze escolas que estavam na disputa, somente uma não versava sobre a vitória e dentre essas, a exaltação da Força Expedicionária Brasileira foi uma tônica (Fig.7). O desfile daquele ano foi considerado tão importante que o Regulamento foi publicado nos jornais, sendo o Parágrafo único, o que nos chamou mais atenção, pois obrigava as escolas a cantarem o samba que foi divulgado e não poderiam, desta forma, mais fazer o improviso (A Manhã, 28 fev. de 1946). Mais uma vez a Portela levou o título com o enredo “Alvorada do Novo Mundo”, seria o fechamento da série de enredos patrióticos que a escola apresentou nos últimos anos, orientada pela União Nacional dos Estudantes (UNE) e pela Liga de Defesa Nacional (LDN). Segundo Candeia e Isnard, “como alegorias apresentou ‘Volta das Forças Armadas’, os ‘Acordos Ministeriais’, um panteão representando as ‘Nações Unidas’ vitoriosas, Hitler esmagado e Mussoline (sic) enforcado e por fim uma alegoria mostrando ‘Tio Sam’ em pé com Hitler ajoelhado” (Candeia e Isnard 1978, 19).





Figura 7: Aspectos do desfile das Escolas de Samba de 1946.

Fonte: Jornal A Noite 02 de março de 1946, 1. Biblioteca Nacional.

No pós-carnaval os jornais passaram a questionar o que consideravam o fim da festa, que, após os percalços durante o período da guerra, ao invés de se fortalecer enquanto manifestação cultural, para aqueles periódicos, ela diminuiu e beirava o desaparecimento. Na verdade, ao contrário do que informavam os jornais, o carnaval, notadamente as escolas de samba, fizeram o caminho oposto ao se alinharem ao discurso político - ideológico do Estado naquele contexto, transformando-se, em muitos casos, em instrumento de propaganda. Nos carnavais seguintes, a guerra foi esquecida, mas em algumas escolas, como a Portela, e a recém-criada Império Serrano, os motivos patrióticos ainda estavam em voga. Não obstante, o carnaval de 1947, ficou conhecido como “Carnaval da Paz”, por ocorrer na época de pacificação após a Segunda Guerra Mundial. A Portela conquistou seu nono título no carnaval e a histórica marca de sete títulos consecutivos. A escola homenageou o inventor brasileiro Santos Dumont com o enredo “Honra ao Mérito”.

## Conclusão

Ao analisar as formas de manifestação do poder simbólico, Bourdieu afirmava que ele era capaz de influenciar percepções, classificações e a própria realidade através de símbolos e significados socialmente construídos (Bourdieu 1989). Podemos tomar como exemplo desta questão do simbólico, a pesquisa de Alencastro (1997) sobre o uso de sapatos por negros escravizados no século XIX. Um escravizado de ganho poderia ter meios de vestir roupas bem-postas, e até mesmo fumar charuto ao invés de cachimbo, mas tinha que andar com o pé diretamente no chão, deixando exposto o estigma de seu estatuto de cativo. Para Alencastro, uma das astúcias de escravizados fugidos era arranjar um par de sapatos para misturar-se aos libertos pelas ruas da cidade, fazendo com que existissem anúncios do tipo: “anda calçado para fingir que é forro” (Alencastro 1997, 79). Neste momento o leitor deve estar se perguntando o motivo de estarmos retomando essa história, afinal estamos falando aqui dos chamados “carnavais de guerra”.



Mas uma fala atribuída a um dos personagens do nosso trabalho, ou ao menos aquele que mais se destacou, o Paulo da Portela, nos obriga a refletir sobre alguns símbolos, como a própria história do calçado. A tradição nos conta uma passagem interessante de Paulo, sobre como ele enxergava sua posição social. Um dos principais desafios na época para os sambistas era fazer valer a sua dignidade, cidadania e seu reconhecimento social enquanto trabalhador. Paulo pensou na importância que a indumentária teria para conferir maior dignidade à figura do sambista. A partir daí teria surgido a exigência da disciplina da vestimenta que Paulo teria marcado sua célebre frase: “Sambista, para fazer parte do nosso grupo, tem que usar sapatos e gravata. Todo mundo de pés e pescoços ocupados!” (Barboza e Santos 1980, 44). Paulo viu o samba enquanto um produto cultural, fazer artístico-profissional que dependia de um público para ser consumido. O sambista percebeu a necessidade de adequação dos elementos de distinção social dos setores das classes dominantes, como os sapatos e a gravata, ao modo de ser dos sambistas. A vestimenta alinhada sinalizava como a melhor estratégia política e performance disciplinada do sambista para Paulo.

Paulo, e a própria Portela, naquele contexto, souberam perceber no samba e nos desfiles das escolas de samba, a potencialidade cultural de identificação nacional pela aglutinação dos diversos grupos sociais e, agindo politicamente dentro das brechas do nacionalismo varguista, operou suas leituras e oportunizou, através do uso instrumental e forjado do samba pelo governo Vargas. A guerra e todos os eventos decorrentes dela, mostravam que era necessário aproximar ainda mais o governo da massa, e, neste sentido, o carnaval e o subúrbio carioca serviram de veículo de propaganda para o DIP naquele contexto extremo. Esse novo olhar pode ainda ser visto na Revista da Semana, de 23 de fevereiro de 1946, com uma reportagem especial sobre a preparação do Morro do Salgueiro para aquele carnaval. “O samba não é dos malandros” (Revista da Semana 23 fev. de 1946). Nessa matéria que mostrava igualmente os sambistas do morro que foram para a guerra, e as famílias que ainda, saudosas, esperavam o retorno daqueles que ainda combatiam na Itália, as palavras do presidente, Fiorello La Guardia, um filho de italianos que imigraram para o Brasil ainda no início do século XX, nas chamou a atenção.

A imprensa aqui é sempre bem-vinda. [...] O samba é de todo mundo. Aqui se faz o samba do morro, o samba da gente que trabalha todo o dia para brincar de noite. Todos na escola são trabalhadores de mãos calejadas no trabalho duro do malho e da picareta. [...] diga depois à cidade que o samba não é dos malandros. Todos aqui são gente séria, gente do trabalho honesto, pretos e brancos (Revista da Semana 23 fev. de 1946, 5).

O cantor entrou e “tirando um verso bonito”, fala da guerra, fala dos bravos que tombaram sobre as terras geladas do Piemonte, relembra os feitos heroicos daqueles que ficaram dormindo no cemitério branco de Pistoia. Do morro, do samba e do carnaval, saíram muitos deles. Foram conquistar nas “terras estranhas” a liberdade para seus patrícios, o direito de sambar no terreiro de

chão batido, sem interferência do DIP e da polícia. Ainda na transcrição da matéria, o jornalista resume talvez o pensamento daqueles que foram para a guerra, e o mais interessante é ver um periódico de grande circulação dar destaque aos populares, da mesma forma como fez o governo.

Agora chegou a vitória. É preciso lembrar os nossos mortos. O Salgueiro também tem os seus. Eram trabalhadores, gente pobre e honesta do trabalho das forjas, ouviram falar em fascismo, em homens maus que incendiavam aldeias e cidades, que enchiam de infelizes os campos de concentração, que mandavam fuzilar os operários dentro das madrugadas frias. Foram combater esses homens. Conheceram os horrores das covas de raposa cavadas na neve do Piemonte, ouviram ladrar dia e noite as metralhas de primeira, dormiram embalados pelo silvo dos obuses de grosso calibre. Voltaram muitos, outros ficaram por lá (Revista da Semana, 23 fev. de 1946, 5).

Após percorrer para o leitor sobre o movimento dos sambistas, a fantasia da rainha e a forma como o tamborim era feito (“pobre do gato angorá que resolveu aparecer por aquelas bandas”), a matéria se encerra com palavras que também poderiam encerrar este texto. As últimas palavras demonstram como, naquele momento, a manifestação popular era importante pois encerrava a ideologia do governo e como ela, passado o momento crítico, poderia retornar ao seu estado de marginalidade. “Estavam afinando os instrumentos para a luta. Estavam preparando as armas para a batalha, que era a insurreição dos sofrendores contra o sofrimento. Era a batalha do triste contra a tristeza. Era a pugna do exausto contra o cansaço” (Revista da Semana 23 fev. de 1946, 5). Afinal, não há tristeza que resista!

## Referências bibliográficas

Abreu, Alzira Alves de, org. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós 1930*, vol. 1. Rio de Janeiro, RJ: CPDOC - FGV, 2001.

Abreu, Alzira Alves de, org. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República: 1889- 1930*. Rio de Janeiro, RJ: CPDOC - FGV, 2015. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-tematico/liga-da-defesa-nacional-ldn>. Acesso em 29 mai. 2025.

Alencastro, Luiz Felipe de. “Vida privada e ordem privada no Império”. Em *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*, org. Fernando Novais e Luiz Felipe de Alencastro, 11-93. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Almeida, Renato. *História da música brasileira*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Comp., 1942.

A Manhã, 19 de janeiro de 1943. Biblioteca Nacional.

A Manhã, 06 de março de 1943. Biblioteca Nacional.

A Manhã, 06 de março de 1943. Biblioteca Nacional.

A Manhã, 05 de janeiro de 1944. Biblioteca Nacional.

A Manhã, 05 de janeiro de 1946. Biblioteca Nacional.

A Manhã, 28 de fevereiro de 1946. Biblioteca Nacional.

A Noite, 03 de janeiro de 1945. Biblioteca Nacional.

A Noite, 17 de janeiro de 1946. Biblioteca Nacional.

Arquivo Nacional. Ornamentação do coreto de Madureira em homenagem à Força Expedicionária Brasileira (FEB). Fonte: Fundo Agência Nacional. Notação: BR\_RJANRIO\_EH\_0\_FOT\_EVE\_02169\_d0001de0002.pdf.

Arquivo Nacional. Ornamentação do coreto de Madureira em homenagem à Força Expedicionária Brasileira (FEB). Fonte: Fundo Agência Nacional. Notação: BR\_RJANRIO\_EH\_0\_FOT\_EVE\_02169\_d0001de0002.pdf

Barboza, Marília Trindade, e Lygia Santos. *Paulo da Portela: traço de união entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

Benamou, Catherine L. *It's All True: a odisseia pan-americana de Orson Welles*. São Paulo: UNESP, 2024.

Bezerra, Danilo Alves. “Os carnavais do Rio de Janeiro e os limites da oficialização e da nacionalização (1934-1945)”. Dissertação de mestrado, Assis, Universidade Estadual Paulista, 2012.

Bourdieu, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

Cabral, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 1996.

Candeia, Antônio, e Isnard Araujo. *Escola de Samba: a árvore que esqueceu a raiz*. Rio de Janeiro: Lidador/SEEC, 1978.

Capelato, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: a propaganda política no Vargasismo e no Peronismo*. São Paulo: Fapesp/Papirus, 1998.

Castro, Celso. “Entre Caxias e Osório: a criação do culto ao patrono do Exército brasileiro”. *Revista Estudos Históricos*, 14, n. 25 (2000): 103-117.

Correio da Manhã, 12 de fevereiro de 1941. Biblioteca Nacional.

Correio da Manhã, 19 de agosto de 1941. Biblioteca Nacional.

Correio da Manhã, 21 de agosto de 1941. Biblioteca Nacional.

Correio da Manhã, 26 de agosto de 1941. Biblioteca Nacional.

Correio da Manhã, 13 de fevereiro de 1941. Biblioteca Nacional.

Correio da Manhã, 11 de março de 1943. Biblioteca Nacional.

Correio da Manhã, 28 de janeiro de 1944. Biblioteca Nacional.

Diário Carioca, 17 de janeiro de 1946. Biblioteca Nacional.

Diário Carioca, 05 de janeiro de 1940. Biblioteca Nacional.

Diário Carioca, 03 de fevereiro de 1940. Biblioteca Nacional.

Diário Carioca, 10 de fevereiro de 1940. Biblioteca Nacional.

Diário Carioca, 26 de janeiro de 1941. Biblioteca Nacional.

Diário Carioca, 31 de janeiro de 1942. Biblioteca Nacional.

Diário Carioca, 15 de fevereiro de 1942. Biblioteca Nacional.

Fausto, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002.

---

- Ferraz, Francisco César Alves. “A desmobilização dos soldados brasileiros e estadunidenses no pós- Segunda Guerra Mundial”. Em *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*, org. Francisco Carlos Teixeira da Silva, Karl Schuster, Ricardo Cabral e Jorge Ferrer, 343-361. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.
- Gomes, Angela Maria de Castro. “O redescobrimento do Brasil”. Em *Estado Novo*. org. Lúcia Lipp Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1992, p. 110-127.
- Guimarães, Helenise Monteiro, e Raphael David dos Santos Filho. 2013. “Ilhas de Carnaval: Coretos carnavalescos como construtores de espaços da folia na segunda década do século XX”. *IX EHA - Encontro de História da Arte*, Unicamp, Campinas, 2013.
- Jornal do Brasil, 13 de janeiro de 1942. Biblioteca Nacional.
- Jornal do Brasil, 06 de fevereiro de 1945. Biblioteca Nacional.
- Jornal dos Sports, 18 de fevereiro de 1946. Biblioteca Nacional.
- Jornal dos Sports, 21 de fevereiro de 1946. Biblioteca Nacional.
- Jornal dos Sports, 24 de fevereiro de 1946. Biblioteca Nacional.
- Koselleck, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.
- O Cruzeiro, 03 fevereiro de 1940. Biblioteca Nacional.
- O Cruzeiro/Jornal Estado De Minas, 06 de março de 1943. Biblioteca Nacional.
- O Cruzeiro, 29 de janeiro de 1944. Biblioteca Nacional.
- O Cruzeiro, 19 de fevereiro de 1944. Biblioteca Nacional.
- O Cruzeiro, 02 de março de 1946. Biblioteca Nacional.
- Ortiz, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- Portela. 1944. Disponível em:  
<https://www.gresportela.com.br/Historia/DetalhesAno?ano=1944>. Acesso em 29 mai. 2025.
- Prado, M. L. C. “Ser ou Não Ser Um Bom Vizinho: América Latina e Estados Unidos durante a Guerra”. *Revista USP*, São Paulo, n. 26 (1995): 52–61.
- Revista da Semana, 07 de março de 1943. Biblioteca Nacional.
- Revista da Semana, 13 de março de 1943. Biblioteca Nacional.
- Revista da Semana, 13 de janeiro de 1945. Biblioteca Nacional.
- Revista da Semana, 23 de fevereiro de 1946. Biblioteca Nacional.
- Silva, Zélia Lopes da. “Os carnavais na cidade de São Paulo nos anos de 1935 a 1945”. Em *Muitas Memórias, Outras Histórias*, org. Paulo Roberto de Almeida, 68-93. São Paulo: Olho da Água, 2004.
- Skidmore, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- Walter Pinto. “Fundos WP - Fundo Walter Pinto”. Disponível em:  
<https://atom.funarte.gov.br/index.php/fundo-walter-pinto>. Acesso em 29 mai. 2025

\*\*\*

Recebido: 10 de julho de 2025

Aprovado: 21 de novembro de 2025